Nau Literária: crítica e teoria de literaturas • seer.ufrgs.br/NauLiteraria
ISSN 1981-4526 • PPG-LET-UFRGS • Porto Alegre • Vol. 10 N. 01 • jan/jun 2014
Dossiê: Teorias do Processo Criativo

Memória e fantasia em *O tempo recuperado*, de Marcel Proust

Maiquel Röhrig*

Resumo: Este artigo analisa um fragmento de *O tempo recuperado*, sétimo volume da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. O objetivo é apresentar o conceito de memória criado pelo autor, confrontando-o com definições teóricas da psicanálise e da neurociência, de modo a demonstrar que a realidade é uma projeção da disposição psíquica do narrador. A análise opera com conceitos freudianos e neurocientíficos que tomam a memória como uma ficção, à medida que o passado é modificado por circunstâncias do presente e por perspectivas de futuro. A interpretação investiga o processo criativo do autor na composição de seu personagem-narrador. A primeira parte do artigo apresenta o conceito de memória presente no livro, dando um panorama geral da obra; a segunda, apresenta uma síntese do fragmento, desenvolvendo a questão da memória como deformadora do "real"; a última parte reflete sobre a interpenetração dos tempos passado, presente e futuro, apontando-a como sendo, conforme Marcel, responsável pela revelação de nosso verdadeiro eu.

Palavras-chave: Memória; Psicanálise; Fantasia; Freud; Proust.

Abstract: This article analyzes a fragment of *Time regained*, the seventh volume of the book *In Search of Lost Time* by Marcel Proust. The goal is to introduce the concept of memory created by the author, comparing it with theoretical definitions of psychoanalysis and neuroscience in order to demonstrate that reality is a projection of the narrator's psychic disposition. The analysis operates with Freudian concepts and neuroscientific taking memory as a fiction, as the past is modified by the present circumstances and future prospects. Interpretation investigates the creative process of the author in the composition of his character-narrator. The first section presents the concept of memory in this book, giving an overview of the work, the second provides an summary of the fragment, developing the issue of memory as a distortion of the "real", the last part reflects on the interpenetration of times past, present and future, pointing it as being, as said Marcel, responsible for the revelation of our true self.

Keywords: Memory; Psychoanalysis; Fantasy; Freud; Proust.

1 O livro e a memória

Os sete volumes que compõem a obra *Em busca do tempo perdido* apresentam um painel com diversas personagens, com psicologia densamente elaborada e minuciosamente analisadas pelo narrador-protagonista. As ações das personagens são narradas com enorme riqueza de detalhes, e os cenários são descritos por Marcel com a precisão de um exímio pintor. Porém, a despeito das minúcias e da obsessão pelo detalhe e pela análise meticulosa, o narrador percebe o caráter fugidio da realidade, cuja representação sempre lhe escapa. Conforme Freud (1990C, p. 3412), "La realidad siempre seguirá siendo 'incognoscible'".

Contemporâneos, Freud e Proust, ainda que nunca tenham lido os textos um do outro, discorrem de modo semelhante sobre certos conceitos, dado que ambos concentram

* Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS.

esforços no desvendamento da psique humana. Freud, analisando seus pacientes e ídolos (como Goethe e da Vinci); Proust, criando suas personagens. Em *O tempo recuperado*, Marcel analisa mais profundamente a psicologia e a moral de algumas personagens presentes nos livros anteriores, reflete sobre recordações, sobre a obra que pretende escrever, sobre os seres e o tempo. Pensa sobre a memória e informa-nos de que a sua fraqueja. Doente, sem participar de reuniões e festas, diz-nos: "A perda da memória me ajudava um pouco, abrindo lacunas nas minhas obrigações, minha obra as substituía" (p. 345).

O tempo recuperado foi publicado em 1927, cinco anos após o falecimento do autor. A narrativa encerra a monumental obra "Em busca do tempo perdido", considerada uma das mais importantes criações da literatura universal. Nela, o narrador em primeira pessoa, Marcel, procura resgatar seu passado e apreender a essência das personagens que marcaram sua vida. Trata-se de uma narrativa de memórias, mas não de memórias reais, do autor, e sim, de memórias fictícias, da personagem.

Marcel hesitara muito antes de iniciar o empreendimento de escrever "sua" história, a qual julgava acima de suas capacidades, dada a dimensão de suas pretensões. Porém, um fato singular, narrado no último volume, o impele à escrita.

O narrador que nos conta a história é um homem maduro, cuja saúde encontra-se debilitada. Quanto a seus lapsos de memória, Marcel os vê de modo otimista, pois estes incidem sobre seus compromissos sociais, permitindo-lhe dedicar-se ao livro que escreve, uma vez que chega à conclusão de que "A vida verdadeira, a vida afinal descoberta e tornada clara, por conseguinte a única vida plenamente vivida, é a literatura" (p. 204). Ele vai, inclusive, lamentar a memória que se mostra fiel aos fatos, preferindo aquela que é permeada pela imaginação, "único órgão de que dispunha para a beleza" (p. 181), "visto que a memória, introduzindo o passado no presente sem modificá-lo, tal qual fora quando presente, suprime exatamente essa enorme dimensão do Tempo conforme a qual a vida se realiza" (p. 335). A precisão da memória é, para ele, não somente impossível, como também objeto de desprezo.

O conceito de memória criado por Marcel não a situa apenas no cérebro, concebendo-a como algo presente em todo o nosso corpo. Segundo ele, "parece existir uma memória dos membros, pálida e estéril imitação da outra, que dura muito mais tempo, como certos animais ou vegetais ininteligentes vivem mais que o homem. As pernas e os braços estão cheios de lembranças entorpecidas" (p. 9).

Ao evocar suas memórias, Marcel procura revelar a si mesmo sua identidade, impressa em sua mente e em seu corpo. Esta ideia possui pontos de contato com a definição freudiana do "eu". Segundo Freud,

> El yo se deriva en último término de las sensaciones corporales, principalmente de aquellas producidas en la superficie del cuerpo, por lo que puede considerarse al yo como una proyeccion mental de dicha superficie y que por lo demás, como ya lo hemos visto, corresponde a la superficie del aparato mental
>
> (FREUD, 1990A, p. 2709).

No processo de lembrar, ao contrário da definição de Freud segundo a qual "el poeta hace lo mismo que el niño que juega: crea un mundo fantastico y lo toma muy en serio; esto es, se siente íntimamente ligado a él, aunque sin dejar de diferenciarlo resueltamente de la realidad" (p. 1343), Marcel percebe a impossibilidade de distinguir entre a realidade de um fato e a impressão que se tem dele.

> Meu espanto, sempre que revia nos Champs-Élysées, na rua, na praia, o rosto de Gilberte, da Sra. de Guermantes, de Albertine, não provaria acaso o quanto uma lembrança só se prolonga numa direção divergente da impressão com a qual coincidiu no começo e da qual se afasta cada vez mais?
>
> (PROUST, 1995, p. 218)

Marcel entende que o tempo transforma o passado, as circunstâncias do presente modificam nossas lembranças. Do ponto de vista da neurociência, de acordo com Nalbantian (p. 137-138), citando um neurocientista chamado Schacter: "'New memories are inevitably influenced by old memories, which opens the door to distortion as a relatively common occurance'". O que imaginamos ser recordações aparecem deformadas, falseadas e colocadas, conforme Freud (1990D, p. 1589), "al servicio de tendencias ulteriores, de manera que no resultan estrictamente diferenciables de las fantasias".

Semelhantemente, Marcel escreve: "Não me detinha na extrema diferença existente entre a impressão artificial que fornecemos a nós mesmos quando tentamos no-la representar voluntariamente" (p. 178-179). O narrador sabe que não pode escapar da interpenetração existente entre a fantasia e a realidade. Retornando diversas vezes à questão, e agora incluindo nela reflexões sobre a literatura, escreve o seguinte:

> as coisas [...], logo ao serem avistadas por nós, tornam-se dentro de nós algo de imaterial, da mesma natureza de todas as nossas preocupações ou sensações daquele tempo, e se mesclam indissoluvelmente a elas. Determinado nome, lido num livro outrora, contém entre suas sílabas o vento veloz e o sol brilhante que fazia quando o líamos. De modo que a literatura que se contenta em "descrever as coisas", em delas fornecer apenas um miserável sumário de linhas e superfícies, é a que, intitulando-se realista, mostra-se a mais afastada da realidade, a que mais nos empobrece e consterna, pois corta bruscamente toda e qualquer comum ligação do nosso eu presente com o passado, do qual as coisas conservavam a essência com o futuro, onde elas nos incitam a saboreá-lo de novo. É isso que deve expressar a arte digna desse nome e, se fracassa, pode-se ainda extrair de sua impotência uma lição (ao passo que não se tira nenhuma dos êxitos do realismo), a saber, que *a essência é, em parte, subjetiva e incomunicável*
>
> (PROUST, 1995,p. 194, grifos meus).

O narrador procura alcançar esta essência "em parte subjetiva e incomunicável", seja

quando analisa os outros, seja, especialmente, quando medita sobre seu próprio "eu".

O tempo recuperado expõe a decadência física e moral de personagens que Marcel outrora admirara. Ele agora se angustia com os sinais de sua velhice, reflete sobre a morte e o tempo, as dificuldades de seu projeto literário, sua tentativa de recuperar o Tempo Perdido, o trabalho do escritor, a relação das memórias com os lugares e os cheiros, sabores, sons. Critica a literatura realista, disserta sobre a crítica, sobre o público leitor, sobre o poder da arte, e afirma que "todo leitor, quando lê, é o leitor de si mesmo" (p. 218). Conta que o sonho era um elemento fundamental de sua vida, e revela que não o deixaria de lado na elaboração de sua obra. E arremata: os sonhos "me deveriam ter convencido do caráter puramente mental da realidade" (p. 222).

2 A digressão no palacete de Guermantes

O fragmento escolhido para esta análise situa-se, na edição da Ediouro, 1995, entre as páginas 175 e 225[1]. Trata-se de uma digressão, permeada por longas reflexões, feita pelo narrador enquanto aguarda o final de uma música para poder entrar no salão do palacete de Guermantes, "pois a princesa proibira que abrissem as portas durante a sua execução" (p. 177).

A festa acontece após a Primeira Guerra Mundial, e é um ponto de reencontro da alta sociedade francesa, de cunho aristocrático. Nesta festa, Marcel perceberá que o seleto grupo dos Guermantes, do qual no passado se esforçara para fazer parte, está degradado pelo esnobismo e pela futilidade. Entende que a Sra. de Guermantes perdeu seu *status*, e sua figura distinta fora substituída pela vulgaridade da Madame de Verdurin.

Constata que o tempo que vivera ocupado em reuniões, festas, encontros, fora um tempo perdido. Olha para os convivas e descobre que seu envelhecimento também revela a decrepitude de seu espírito. Personagens cujas ações acompanhamos nos volumes anteriores, como Saint Loup, Madame de Saint-Euverte, Barão de Charlus, têm seus retratos pintados novamente, na tentativa de revelar de modo mais profundo sua verdadeira imagem.

O fragmento inicia quando Marcel aproxima-se do palacete, para, depois de um longo afastamento, voltar a frequentar as reuniões promovidas pelos Guermantes. Antes de entrar, surpreende-o a irregularidade das lajes e a paisagem. Na chegada, um mordomo pede que aguarde o final de uma música. Enquanto espera, um criado, que inutilmente tentara não fazer

[1] Inclusive, na página 225, há uma marcação, com três asteriscos, assinalando o final da digressão realizada pelo narrador.

barulho, choca uma colher de encontro a um prato. Outro criado lhe oferece um guardanapo, e o narrador afirma: "Poder-se-ia dizer até que os sinais que, nesse dia, deveriam arrancar-me do desânimo e restituir minha fé nas letras, se empenhavam em multiplicar-se" (p. 178), pois o conjunto de sensações experimentadas, táteis, auditivas, visuais, gustativas, provocam-lhe uma série reveladora, e perturbadora, de reflexões.

As reflexões de Marcel são desencadeadas por elementos distintos, nos quais ele reconhece o acaso: o sabor de um doce chamado *madeleine*, a irregularidade das lajes do pavimento, a visão de uma fileira de árvores, o toque do guardanapo, o som de uma colher chocando-se com um prato. A partir destes elementos, lembranças, de lugares e de pessoas, vêm à tona. O narrador percebe que o tempo modificara sua opinião sobre as coisas, e uma fileira de árvores, que ele agora considerava agradável, era a mesma que achara tediosa de observar e descrever (p. 177-178). De igual modo ele pensa sobre Veneza,

> da qual meus esforços por descrevê-la e os pretensos instantâneos tomados pela memória nunca me tinham dito coisa alguma, e que me era devolvida agora pela sensação antigamente experimentada ao pisar em dois ladrilhos desiguais do batistério de São Marcos, junto com todas as outras sensações somadas àquela no mesmo dia, e que haviam permanecido à espera, em seu posto na fila dos dias esquecidos, de onde um súbito acaso as fizera imperiosamente sair. Da mesma forma o sabor da pequena *madeleine* me relembrara Combray
>
> (PROUST, 1995, p. 177).

A ideia de que a realidade é deformada por nós, seja pela sensação, impressão ou percepção[2], parece bem cara a Marcel. Ele afirma: "sei perfeitamente como as coisas são porosas ao espírito e se embebem nele" (p. 196). Depois, sobre esta peculiaridade "deformadora" do espírito, Marcel repetirá uma proposição com um intervalo pequeno de páginas: "Havia reparado que *só a percepção grosseira e errônea põe tudo no objeto, quando tudo está no espírito*" (p. 220, grifos meus), e "Não há sequer uma hora da minha vida que não tenha servido para me ensinar que *somente a percepção grosseira e errônea coloca tudo no objeto quando, ao contrário, tudo está no espírito*" (p. 222, grifos meus).

As marcações destacam a revolução sugerida por Marcel: tirar o objeto de sua posição central para, em seu lugar, posicionar o espírito. O objeto não é mais uma coisa em si, e sim uma coisa em relação com o espírito, o qual representa o objeto conforme suas predisposições. Nestas frases, o narrador focaliza a percepção, ou seja, nossa faculdade de apreender o mundo mediante componentes cognitivos.

Marcel está consciente de que a realidade não é real, sendo, essencialmente, produto de nossas sensações, impressões e percepções; portanto, a realidade tem um caráter

[2] Este três termos são mencionados separadamente por Marcel e, embora não sejam sinônimos, relacionam-se todos, na obra, à deformação da realidade operada pelo sujeito quando este se defronta com o mundo exterior.

"puramente mental".

Destacando a importância das sensações, ou seja, da relação entre os objetos e os sentidos (a corporalidade humana), e, ao mesmo tempo, focalizando o papel das impressões (com componentes psíquicos), explica:

> eu compreendia perfeitamente que aquilo que a sensação das lajes desiguais, a goma do guardanapo e o gosto da *madeleine* tinham despertado em mim não se relacionava de forma alguma com o que muitas vezes tentava recordar de Veneza, de Balbec, de Combray, com o auxílio de uma memória uniforme [...] a diferença que existe entre cada uma das impressões reais – diferenças que explicam por que uma pintura uniforme da vida não pode ser análoga a esta – derivava provavelmente do fato de que a menor palavra dita numa época da nossa vida, o gesto mais insignificante que tenhamos feito, estava banhado, deixava impregnar-se pelo reflexo de coisas logicamente estranhas a eles.
>
> (PROUST, 1995, p. 179).

Marcel volta ao tema da deformação das "impressões reais" algumas páginas depois. Ele escreve que o presente é modificado pelo passado e, ao mesmo tempo, pelo futuro. Agora, sua análise enfoca a ação do pensamento, que deforma, enquanto se esforça para trazer ao presente o que fora sentido no passado:

> ao cabo de um instante, depois de ter pensado nessas ressurreições da memória, percebi que, de outro modo, impressões obscuras tinham às vezes, e já em Combray, no caminho de Guermantes, solicitado minha atenção, ao modo dessas reminiscências, e que *ocultavam não uma sensação de outrora mas uma verdade nova*, uma imagem preciosa que eu buscava descobrir por meio de esforços do mesmo gênero dos que fazemos para recordar alguma coisa; *como se nossas mais belas idéias fossem árias musicais que retornassem a nós sem que jamais as tivéssemos ouvido, e que nos esforçaríamos por escutar e transcrever*
>
> (PROUST, 1995, p. 187, grifos meus).

As marcações em itálico chamam atenção para o fato de Marcel compreender que as evocações do passado podem ser invenções, pois talvez nunca tenham existido, tal como as árias mencionadas. O narrador expõe sua impossibilidade de discernir entre os tempos passado, presente, futuro, uma vez que todos são constantemente atualizados e deformados por seu "eu".

A confluência dos tempos é um momento ímpar na vida de Marcel, a ponto de ele afirmar que, naquele instante, sentira renascer em si um ser "situado fora do tempo", que não receava o futuro e, consequentemente, não temia a morte.

3 A indissociabilidade entre passado, presente e futuro

Marcel percebe que a situação presente mistura-se às lembranças do passado, e, tal como o estrépito da colher evoca o som do martelo de um empregado que consertava a roda de um trem, igual fenômeno ocorre com as cores, sabores e objetos, que trazem em si

recordações de pessoas e situações. Segundo ele, suas várias impressões

> tinham em comum a faculdade de serem sentidas, ao mesmo tempo, no momento atual e num momento passado – o ruído da colher no prato, a desigualdade das lajes, o gosto da *madeleine* –, até fazerem o passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava
>
> (PROUST, 1995, p. 180).

Do torvelinho de sensações resultante deste entrecruzamento de passado, presente e futuro, despertados pelo afluxo de imagens, sabores, sons e cores dispostos ao acaso, renasce aquele ser fora do tempo, uma criatura que estava adormecida. Ela possui a singularidade de nutrir-se da essência das coisas, e sua essência é estar fora do tempo, livre da efemeridade da vida, alheia às humanas preocupações e ao medo de nossa finitude. Este outro ser reside no narrador, é parte dele e, ao mesmo tempo, é um todo mais completo que o próprio Marcel. Sua existência é condicionada à experiência do inefável, provocada por elementos prosaicos, justapostos pelo acaso.

> A criatura que renascera em mim quando, com tal frêmito de felicidade, eu ouvira o ruído vulgar, simultâneo, da colher que bate no prato e do martelo que atinge a roda, da desigualdade semelhante dos pavimentos do pátio dos Guermantes e do batistério de São Marcos etc., essa criatura só se nutre da essência das coisas, só nela encontra subsistência e delícias. Enlanguesce na observação do presente, onde os sentidos não lhe podem fornecê-las, na consideração de um passado que a inteligência resseca, na espera de um futuro que a vontade constrói com fragmentos do presente e do passado, dos quais ainda lhes extrai a realidade, só conservando o bastante para fins utilitários, estritamente humanos, que lhes fixa
>
> (PROUST, 1995, p. 181-182).

A interpenetração dos tempos que acorda a criatura adormecida em Marcel, harmoniza-se com uma formulação de Freud elaborada acerca da fantasia. Em 1907, numa conferência traduzida para o espanhol como “El poeta y los sueños diurnos”, Freud disse o seguinte:

> Puede decirse que una fantasía flota entre tres tiempos: los tres factores temporales de nuestra actividad representativa. La labor anímica se enlaza a una impresion actual, a una ocasión del presente, suscetible de despertar uno de los grandes deseos del sujeto; aprehende regresivamente desde este punto el recuerdo de un suceso pretérito, casi siempre infantil, en el cual quedó satisfecho tal deseo, y crea entonces una situación referida al futuro y que presenta como satisfacción dicho deseo el sueño diurno o fantasía, el cual lleva entonces en sí las huellas de su procedencia de la ocasión y del recuerdo. Así, pues, *el pretérito, el presente y el futuro aparecen como engarzados en el hilo del deseo, que pasa a través de ellos*
>
> (FREUD, 1990B, p. 1345, grifos meus).

Para aceitar que as lembranças de Marcel têm componente de fantasia, concordando com a definição de Freud, devemos levar em consideração que: 1 – um dos grandes desejos pretéritos de Marcel era ser aceito pelos Guermantes para integrar-se ao círculo de pessoas em torno deles; 2 – ele conseguiu realizar este desejo; 3 – no momento desta digressão, ele deseja

retornar a este grupo, depois de uma longa ausência; e 4 – projeta um futuro bem próximo: como será o encontro que está prestes a acontecer (no qual se defrontará com situações bem diferentes daquelas de que se recorda).

Neste sentido, é pertinente a conclusão de Nalbantian (2003, p. 141-142), segundo a qual "the 'literature' case of Proust proves the point about the intricacies of memory tracing. The famous Proustian paradigm of memory remains all the more complex since it is both autobiographical and stimulus-produced, dependent on the contingences of the 'present' to evoke the past". A memória de Marcel é acionada por contingências que evocam o passado, ainda que, aparentemente, não tenham relação direta com ele.

Na confluência e interpenetração de tempos, Marcel depara-se não apenas com "sua" essência, mas filosofa que é nela que se encontra o fundamento de "nossa" essência:

> desde que um ruído, um cheiro, já ouvido ou aspirado antes, o sejam de novo, ao mesmo tempo no presente e no passado, reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos, logo a essência permanente e em geral oculta das coisas se libera, e nosso verdadeiro eu, que às vezes parecia morto há muito tempo, mas não o estava de todo, desperta e se anima ao receber o alimento celeste que lhe trazem
>
> (PROUST, 1995, p. 182).

No instante desta revelação, ele decide que é hora de iniciar seu projeto: escrever seu livro, porque subitamente se deparou, finalmente, consigo mesmo.

4 Considerações finais

A filosofia ocupa-se da problemática do tempo há milênios, desde que tomou como seu objeto a investigação da essência do homem. A literatura, por sua vez, nutre-se da filosofia para refletir sobre o que somos, sobre o nosso ser, nosso "eu", esta subjetividade que, por ser o que somos, escapa a qualquer definição, uma vez que somos, justamente, indefiníveis.

Proust e Freud, na mesma época, ao mesmo tempo, contudo valendo-se de discursos distintos, mergulharam nas profundezas do "eu" para tirar-lhe as máscaras e revelar sua verdadeira imagem. Considerando este objetivo, não puderam furtar-se à discussão acerca do tempo.

Outrora se pensava que o presente, ainda que sendo um instante efêmero, podia ser representado, apreendido; o passado, recuperado; e o futuro, previsto. A separação dos tempos, seu isolamento, cristalizava-os, de modo a eternizá-los como imagens, sons, cheiros, sabores, sensações imutáveis. A conclusão de que o real tem componentes subjetivos abalou a

solidez desta imutabilidade.

A descoberta, ou constatação, de que nossas lembranças do passado são permeáveis aos eventos do presente, e que estes são modificados por nossas experiências passadas e por nossas projeções de futuro, liquidificou os tempos. Não podemos mais ter a pretensão de representar o presente de modo objetivo, prever o futuro, tampouco recuperar o passado. *O tempo recuperado* é um título com conteúdo inalcançável, pois jamais recuperamos o tempo. E, além de muitas outras coisas, o romance é uma obra sobre a tentativa de inscrever-se fora do tempo, de eternizar-se, livrando-se do medo da morte.

O protagonista cria seu mundo e é criado pelo autor a partir da tentativa empreendida pelo narrador de relembrar o passado e reconstituir seu mundo, "em busca do tempo perdido". Marcel deixa-se invadir pelo líquido formado por esta liquidificação dos tempos, revela-nos que estamos todos metidos neste caldo, e que ele circula em nossas veias e percorre nosso corpo inteiro, fazendo de cada parte de nosso ser uma "realidade incognoscível".

Referências

FREUD, Sigmund. El "yo" y el "ello". In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

_____. Il poeta y los sueños diurnos. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

_____. Compendio del psicoanalisis. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

_____. Un recuerdo infantil de Leonardo de Vinci. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

NALBANTIAN, Suzanne. *Memory in literature*: From Rousseau to Neuroscience. New York: Palgrave MacMillan, 2003.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo recuperado*. Tradução de Fernando Py. RJ: Ediouro, 1995.